

A ILLUSTRAÇÃO

PARIS

ESCRITORIO, 6, rue Saint-Petersbourg
Amsterdam

ANNO. 25 francos
SEMESTRE. 14
AVULSO. 1
No resto de Paris 11 francos por semestral e 25 francos por anno.

2.^a Anno. — Volume II. — Numero 15.

PARIS 5 D'AGOSTO DE 1885

Director : MARIANO PINA

RIO DE JANEIRO

GABINETE DE NOTICIAS, 70, R. do Ouvidor,
Assigndatura

ANNO. 32.000
SEMESTRE. 16.000
ANNO. PROVISORIA. 14.000
AVULSO. 500



A NOVA ESTATUA DE VOLTAIRE, INAUGURADA EM PARIS NO DIA 14 DE JULHO

EÇA DE QUEIROZ

Temos já em nosso poder um curioso trabalho do romanista português acerca de Victor Hugo. Será publicado no próximo numero da Illustração.



PORTUGAL EM ANVERS

Devo dizer-lhe francamente, com tanta mais franqueza que não faço parte de nenhum partido, e que olho para a Política com o mesmo interesse com que a minha criança segue na China o precioso commercio dos ninhos d'andornhas... Foi com uma certa desconfiança, e com um certo receio que, ao achar-me no recinto da exposição universal, me dirigi para a secção onde fluctuava a bandeira azul e branca. Desconfiança por causa da precipitação com que tudo se organizava; receio d'assistir a um fiasco do meu país, diante de todas as nações europeias...

Horas depois desconfiança e receio tinham desaparecido, — e orgulhava-me por ver que triumpho Portugal tinha conquistado, com a sua exposição de productos coloniaes...

Portugal é um dos raros países da Europa onde os proprios indigenas mais desconfiam do proprio talento e da propria iniciativa. Ha espalhado pelo reino um bando de insignificantes — que eu desejaria ver levados em chusma para a forca! — que tem por unico officio dispor d'um sorriso de desdém e d'uma phrase de troça, diante de tudo quanto se queira emprender de original e de superior. E este bando não só se introduz nas questões litterarias, artisticas ou scientificas com um atrevimento e uma impudencia dignas de varios marmelleiros em lombos de taes criticos, — mas tambem se insinua nas industrias, no commercio e na agricultura, levando a toda a parte o desanimo, convencendo todos os que trabalham que não passam d'uns imbecis, de quem a Civilização se ri todas as manhãs, ao abrir a janella do seu quarto!

Este bando da má-língua, este grupo obscuro dos descrentes, exerce uma tal influencia sobre os espiritos e tem-se de tal modo introduzido na imprensa, ostentando um pessimismo idiota e de contrabando, — que é necessario que todo aquelle que trabalha disponha d'um grande orgulho individual e patulo, para produzir alguma coisa e romper. O artista modesto e pouco audacioso, esse necessariamente fica em meio do caminho. A má-língua mata-o em duas horas...

Quando, por exemplo, Eça de Queiroz escreveu o *Crime do Padre Amaro*, o bando, camaráo ou quadrilha, torcendo-se de desespero, não pôde admitir que em Portugal houvesse talento bastante para produzir uma obra-prima — e decidio-se em conselho secreto d'imbecis e de calumniadores que se affirmava por toda a parte que o *Crime* era roubado da *Faute de Kabbe Mouret* de Zola... romance escripto annos depois de ter apparecido o romance de Queiroz!

Quando este ramalhete fundaram as *Farpas*, a mesma quadrilha não podendo admitir que

dois portuguezes pudessem ter tanto espirito e tanto bom-senso por mez, resolveram fazer correr que as *Farpas* eram roubadas das *Guépas* d'Alphonse Karr, — quando a verdade é que as primeiras *Farpas* se educaram nas famosas chronicas de Rochefort, quando Rochefort era apenas um litterato e não um jornalista politico.

Quando appareceram no *Diario Popular* e no *Jornal do Commercio* de Lisboa uns soberbos folhetins de critica mundana e litteraria, assignados *Valentina de Luena* e *Mix*, official e pseudonymo que occultavam o nome de D. Maria Amalia Vaz de Carvalho — a quadrilha fazia constar que aquelles folhetins eram feitos pelo marido da distincta escriptora... Só depois da morte d'aquelle grande poeta que se chamava Gonçalves Crespo, e passado o primeiro luto, é que um certo publico teve effeito occasião de ver que a escriptora disponha do mesmo britho e da mesma elegancia de critica e de phrase.

Quando um maestro portuguez escreve uma opera e deseja fazel-a cantar em S. Carlos, o director do theatro começa por lhe fechar todas as portas; o ministro manda-lhe dizer pelo contrario que o não pode receber; e os criticos riem-se d'elle á porta da *flavaneira*. E é necessario que o artista faça cantar a sua opera no estrangeiro e seja ali applaudido... para então o tomarem a serio.

Como nem toda a gente pode vir passar quinze dias a Paris, nem toda a gente ainda se quer convencer de que no theatro de D. Maria II se está representando com o mesmo cuidado, com o mesmo escrupulo, a mesma *mise-en-scène*, e ás vezes com mais luzo do que se representa no *Comédie-Française* no *Gymnase* e no *Odéon*.

E quando o actor Brazão, um dos actores portuguezes que mais estuda, que mais trabalha, que mais paixão tem pelo seu arte, deseja interpretar os personagens de Victor Hugo e de Shakespeare — todos gritam contra o attentado, contra a profanação, contra o escandalo, como se a todo o artista não assistisse o direito de representar os papeis que melhor lhe vão. E todas as criticas que se lhe fazem não é com o fim de pôr em relevo as bellezas do trabalho e mostrar quaes foram as hesitações do artista, — mas unicamente com o firme proposito de o desanimar, de lhe despedaçar o desejo de continuar a vencer as grandes difficuldades da sua arte...

E esta desorção e esta má-língua tem-se espalhado por todos os camadas, tem espalhado o desanimo em todos os espiritos. Ninguém tem confiança absoluta no proprio merito, nem nas forças que o país ainda encerra. Cada portuguez se considera hoje um ser em plena decadencia, um desprezível e misero *fallah*, pertencendo a um país que imagina ser o ridiculo permanente da Europa.

E é o partido da má-língua que tem sido a unica causa d'este desanimo edestê abatimento. A nossa salvação, o melhor modo de levantarmos rapidamente a cabeça e sermos em face da Europa um povo digno da mesma consideração que dispensam ao povo belga e ao povo hollandez — consiste no seguinte:

1.º — Conter a paiz, todo aquelle que sorrir de qualquer iniciativa particular.

2.º — Conter a tiro, todo o individuo que fór apantado em flagrante deficit de memoria ou de intelligenza, apenas com o fim de lançar o descredito sobre uma obra exclusivamente portugueza.

Tambem a má-língua me tinha dito que eram simplesmente indecentes os nossos productos coloniaes. E Portugal apresenta na exposição d'Anvers uma secção de productos coloniaes que fica adiante da secção franceza e da secção belga.

Que vergonha a tal secção belga, chamada secção do Congo. Que vergonha e que audacia!

Lembram-se ainda do famoso congresso de Berlim? da vontade com que estão Leopoldo II e Stanley de fazer do Congo, não direi um Bos-

que de Bonha com passio, do carruagens por cocottes, mas pelo menos um lugar de praxe e de economia, com sombras de palmeiras e jantares a trez tostões por cabeça, vinho e café comprehendidos?...!

Ora todo o visitante que entra na famosa secção, pensa encontrar lá dentro algum producto do Congo. Se a alma do bom visitante, no dia do juizo, enconter com a mesma facilidade o amigo como a que andava ligada, está bem servido S. S.!! Porque productos, nem um! Se um agricultor ingenuo annunciasse uma exposição de melões, e lá dentro, em vez de melões, nos mostrasse apenas o diabo com que se compram as pevides — era ainda assim menos digno da nossa coroa que a tal Associação africana!

O que a Belgica expõe sob o titulo de Congo, são apenas os objectos que exponta para o commercio com os negros. Velhas armas, velhos fardamentos, chitas de riscas e de ramagens, missangas, vidros de cores, medalhas de latão, tentos, colheres e garfos d'estanho, plumas para lisongear todos os Makokos ainda não revelados, bugigangas de chumbo — um verdadeiro bazar de trez objectos por cinco reis!

A France, que occupa um quinto da área da exposição e que é a primeira nação expositora, no seu pavilhão da Cochinchina limitou-se apenas a fazer uma amostra de precioso *bric-à-brac*.

E só Portugal nos mostra riquezas de café, de algodão, de aguas-ardeentes, de madeiras; só Portugal mostra á Europa o que é a Africa, quantas preciosidades ha a extrahir d'aquelle solo, quantos thesouros possui aquelle continente para onde essa hoje volvida a attenção de todo o mundo civilizado.

E dizer-se que o governo portuguez tinha resolvido não concorrer á exposição d'Anvers, recusando fazer má figura! — e que se não fóra Pinheiro Chagas, um dos poucos mas valentes espiritos que ainda confiam no que pode e no que vale o seu país, Portugal não teria occupado o lugar brilhantissimo que hoje occupa, Portugal não teria provado á Europa que é ainda uma nação colonisadora, capaz de se collocar ao lado da Hollanda e da Inglaterra!...

Esta victoria, em plena exposição internacional, é d'uma incalculavel importancia para o nosso país, — e principalmente por ser uma nova victoria sobre a immensa quadrilha dos descrentes.

É necessario combater dia e noite contra a conspiração da má-língua e do desdém por tudo quanto é portuguez. É necessario que todos os espiritos fortes se agrupem, para resistir á maledicencia dos ignorantes com audacia, dos desdenhosos imbecis. É necessario trabalhar firme e honestamente, sem descansar um minuto sequer, para dar ouvidos aos cães que ladram. É necessario que Portugal se faça representar por toda a parte. É necessario que todo o país se lembre que d'aqui a quatro annos se abre em Paris a mais monumental exposição d'este seculo, — e que Portugal deve fazer todos os sacrificios de trabalho e de dinheiro para occupar o lugar brilhante que pode occupar, entre todas as nações civilizadas que vão concorrer á exposição de 89.

É necessario comprehendermos que somos um povo estropiado por mil falcatruas politicas, — mas que dispomos d'uma grande força e d'uma grande riqueza como povo agricola e industrial, e que não somos nenhuns intrusos quando nos desejamos occupar de todas as manifestações do pensamento humano!...

MARIANO PINA.

Publicaremos no proximo numero o retrato do illustre medico brasileiro dr. Francisco Pereira de Albuquerque da Theresopolis, fallecido ha pouco em Paris.

Prevenimos os cavalheiros que nos mandam poesias, contos, critica litteraria, scientificas, artigos politicos, philosophicos, desenhos á penna, á lapis, musica, etc., — que nos é absolutamente impossivel responder ás dizenhas de cartas que todos os dias recebemos; e que todos os originaes enviados, sejam ou não sejam publicados, não serão restituídos.

Não se publica nenhum artigo que não venha assignado com o nome do auctor.

A ILUSTRAÇÃO dá publicidade a todas as obras de reconhecido merito que lhe forem enviadas.

NOTA DA REDACÇÃO.



A ESTATUA DE VOLTAIRE

UMA das curiosidades da festa do 14 de julho, sobre a qual já demos uma gravura no passado numero, foi a inauguração d'uma estatua a Voltaire no *Quai Voltaire*, junto do edificio do Instituto de França, proximo da casa onde Voltaire morreu, casa que fica ao lado das grandes officinas do *Moniteur Universel* e do *Monde Illustré* onde a ILUSTRAÇÃO se imprime.

Apropósito do sitio onde nasceu o grande philosopho do seculo XVIII pode-se repetir o dito d'um galato que mostrava Paris a um inglez, e que por trez vezes passou diante de trez casas diferentes construidas em diferentes sitios, exclamando diante de cada uma: — «Aqui está, Milord, mais um sitio onde nasceu Molière!» A historia não diz se o inglez continuava imperturbavelmente a tomar as suas notas sobre as trez casas onde Molière tinha nascido... É de crer que tomasse!

Ora Voltaire tambem não que parece nasceu em sitios diferentes! O que é um facto é que a aldeia de Chatenay o considera como seu filho, e por outro lado Paris affirma e tenta provar que Voltaire é parisiense... Parisiense ou Chatenense, Voltaire nem por isso deixa de ser uma das glorias da França, das mais brilhantes e das mais fecundas. Tambem das cidades da Grecia antiga reivindicavam para si a gloria de ter visto nascer Homero...

A nossa gravura é uma fiel reprodução da excellente obra do escultor Caffie. Para garantia do que avançamos, basta olhar para o nome que a rubrica: — Ch. Baudé, o nosso illustre collaborador. Voltaire, de pé, emburilhado na sua celebre *robe-de-chambre* d'um bello velludo carmezim, que lhe foi offerecida pela imperatriz da Russia, coberto com a grande cabelleira de nós grisalhos que elle proprio penteava todos os dias, está appollado sob a bengala, e paroco meditar n'um d'estes epigrammas que corriam toda a Europa. E esta a magra mascara do grande revolucionario do pensamento, a testa saliente, tallhada para a lucta intellectual, este olhar petulante, esta bocca largamente aberta para dar passagem ás cataractas da palavra, e ufogar os prejuizos d'um mundo sob ondas de verdade.

Voltaire foi sempre muito desejado em todas as côrtes estrangeiras. E ficou celebre a sua viagem á Prussia, quando o grande Frederico decidio o philosopho a ir passar algum tempo a Berlim.

— Tu és Platão, escrevia-lhe Frederico... — Tu és Salomão, respondia Voltaire... — Tu és o perceptor da humanidade, respondia o rei... — Tu és o seu heroe, replicava o philosopho... — Tu és um ralo de luz, tornava o despo, que não sentia uma palavra do que escrevia... — Tu és o sol, respondia Voltaire, que por fim, exausto de metaphoras, se decidio a fazer a viagem de Berlim...

Mas no fim de alguns mezes houve tantas desin-

telligencias entre o monarcha e o philosopho, que o tirocio de amabilidades recommençava sob esta nova forma:

— O miseravel!... escrevia Voltaire... — O seculado!... respondia Frederico... — Não é Augusto, e Borgia!... insinuava o philosopho... — Não é Virgilio, é um animal! affirmava o outro!...

E consta até que as cousas se terminaram com algumas bengaladas dadas reciprocamente... para fazer doer!

Depois o philosopho foi viver para Freney, a porta de Genebra, um pé na Suissa, um pé em França; e foi d'alli que durante trinta annos elle reinou sobre o mundo dos espiritos, d'alli que elle partio para ir morrer a Paris, em plena apothiose.

Quando se soube que Voltaire havia chegado a Paris, donde estava ausente havia vinte e sete annos, houve um verdadeiro delirio. A multidão estacionava dia e noite defronte da casa, como defronte da casa de Victor Hugo quando o poeta dos *Châtiments* voltou do exilio. E quando Voltaire morreu, Paris e o mundo sentiram tanto a sua morte, como ha pouco aia quando se annunciou que tinha morrido o auctor do *Ruy-Blas*.

Voltaire foi enterrado na egreja de Selliers; mas quando chegou a Revolução franceza o seu corpo foi transportado solememente para este mesmo Pantheon onde Hugo hoje repousa. Mas onde repousa o cadaver do philosopho? Ninguém o sabe? Quando ha annos se abriu o seu caixão — acharam o caixão vazio... Apenas existe o coração de Voltaire, que ficara em testamento á familia dos marquezes de Villette, e que hoje se pode ver n'uma sala da Bibliotheca nacional de Paris.

De Voltaire existem mais duas estatuas. Uma no Instituto de França, um «Voltaire nu» escultura feita do natural por Pigalle. Esta estatua escandalizou immenso a sociedade do tempo; mas na sua correspondencia Diderot defende o escultor, que não sabendo fazer roupas fez a estatua nua. Como é natural, choveram os epigramas, tanto mais que Voltaire nu, não era positivamente um Apollo. O rei da Suécia que virá a estatua, disse que estava prompto a concorrer para a compra d'um costume completo... E correu impresso o segallote:

*Voici l'auteur de l'Ingenue;
Monsieur Pigalle l'a fait tout nu;
Monsieur Freton le drapera...
Allez!...*

A outra estatua, a celebre, a famosa estatua de Voltaire, é a do escultor Houdon, collocada no foyer da *Comédie Française*, em Paris. Esta estatua é uma maravilha de vida. Contase que Houdon recobria da natureza uma tão poderosa faculdade para fazer viver as suas estatuas, que tendo esculpido um São Beuno para uma egreja de Roma, o papa Clemente XIII exclamou ao ver a obra:

— «Se as regras da sua ordem não lhe prescrevessem o silencio, estou certo que havia de fallar!»

EXPOSIÇÃO PORTUGUEZA EM ANVERS

NOSSO director Mariano Pina encarregase na sua *Chronica* de fazer a noticia critica da secção portugueza na Exposição universal de Anvers. Portanto só temos a dar alguns esclarecimentos das photogravuras que publicamos.

Para maior rapidez, mandámos reproduzir as photographias que recebemos de Anvers pelo systema da photogravura, e tambem para que conservassem todo o caracter d'um bom documento official. As photographias de que nos servimos são egues ás provas que os commissarios portuguezes mandaram para Lisboa, para o Governo e para a Sociedade de Geographia. Foram os srs. Francisco Chamigão e Antonio de Castilho que prestaram á ILUSTRAÇÃO esta grande fineza que tanto nos peahorra. As photographias foram tiradas por um amator, ás vezes em momentos em que a luz não era favoravel. Els a re-

ção porque algumas não possuem uma grande nitidez.

Além das dois cavalheiros já citados ha ainda mais um outro commissario, o sr. Jeronymo da Silva, um distincto empregado do ministerio das Obras publicas.

Como o governo portuguez não quizesse fazer se representar em Anvers, por tambem o não ter feito em Amsterdam, a exposição das colonias portuguezas foi feita pela *Sociedade de Geographia de Lisboa*, concedendo-lhe o ministro da marinha um subsidio de 25 contos de reis. E por este facto que sobre as duas torres da fachada portugueza figuram a bandeira de Portugal, e uma bandeira azul com o nome da Sociedade de Geographia.

Para reunir todos os importantes e variadissimos productos expostos, o ministro da marinha encarregou Antonio de Castilho, antigo secretario geral em Goa e em Cabo Verde, de ir a Africa fallar com os mais importantes agricultores e instar com elles para enviarem os seus productos. Antonio de Castilho percorreu para este fim S. Vicente, S. Thiago, Guiné, Principe, S. Thomé, Ambriz, Loanda, Barra do Bungo, Barra do Dande, Alto Dande, Quanza, Benguela, Catumbella, Novo Redondo e Mossamedes.

Em toda esta sua peregrinação, o intelligente e activissimo delegado do ministerio da marinha foi acolhido com as melhores sympathias por todos os grandes agricultores e autoridades locais. Quizeriamos citar os nomes de todos quantos concorreram para o bello exito da exposição. Faltam-nos o espaço. Mas não podemos deixar de citar os nomes de Ferreira do Amaral, governador de Angola; de Max Astrie, de Bolama; José Antonio Freire Sobral, de S. Thomé, que enviou uma riquissima colleção de 59 productos; de Vicente Patricio Alvares e D. Francisca Mantero, de S. Thomé; de José Luiz de Miranda Avelha, de Cabo Verde; etc., etc. E tambem digna de grandes louvores a Empresa de navegação d'Africa que transportou gratuitamente cerca de 800 volumes.

O catalogo da secção portugueza foi feito por Antonio de Castilho; e todos os portuguezes que teem visitado a exposição teem sido unanimes em elogiar os trabalhos dos illustres commissarios, srs. Chamigão, Castilho e Silva. A responsabilidade era grande, o orçamento pequeno, — e não era couso de pouca importancia instalar uma secção colonial africana em plena Belgica, no paiz onde a cada momento se debatem as famosas questões do Congo, de que deseja ser rei o imperador Leopoldo II, rei dos belgas.

A secção portugueza fica á direita da entrada principal da Exposição.

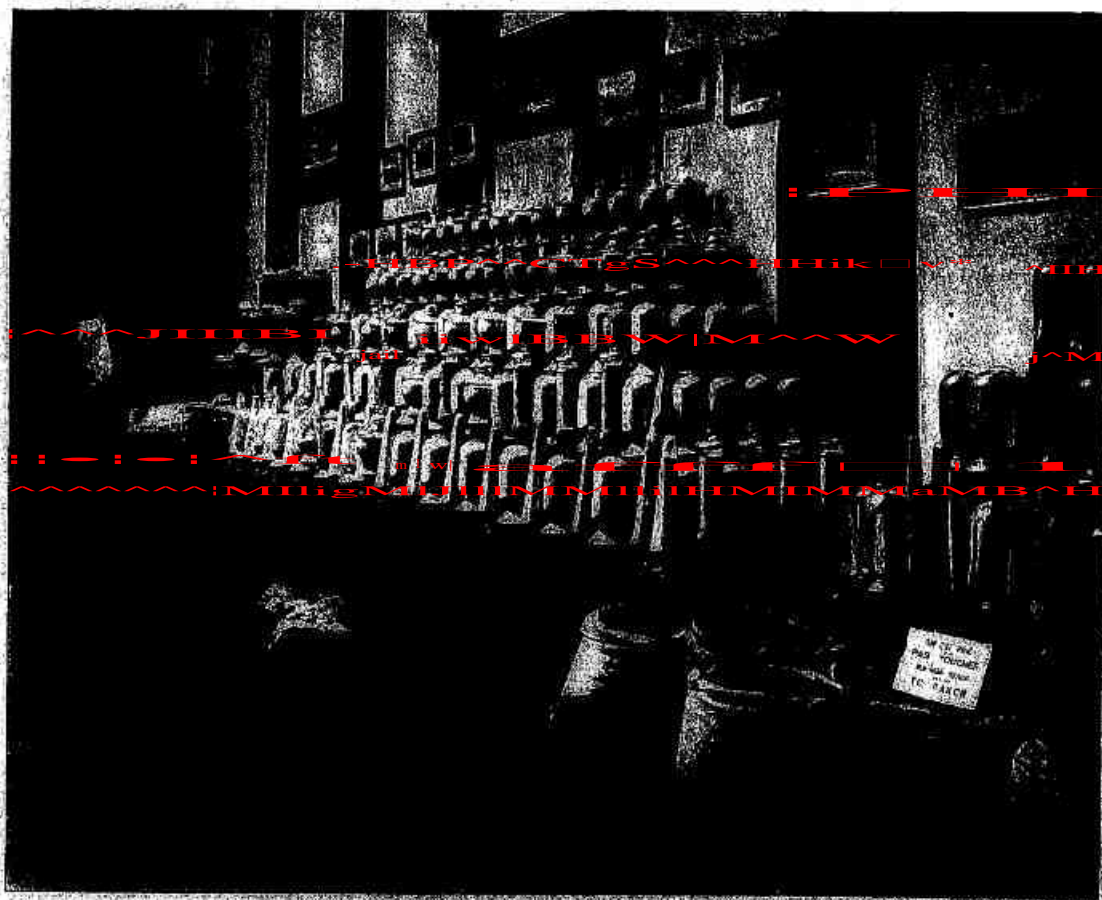
A EXPOSIÇÃO D'ANVERS

PARA completar a serie de photogravuras que hoje offerecemos aos nossos leitores sobre a secção portugueza na exposição universal de Anvers, não podiamos escolher melhor do que uma gravura representando a fachada principal de toda a exposição, e que dá a mais perfeita e completa ideia do aspecto pittoresco d'este grande certamen internacional.

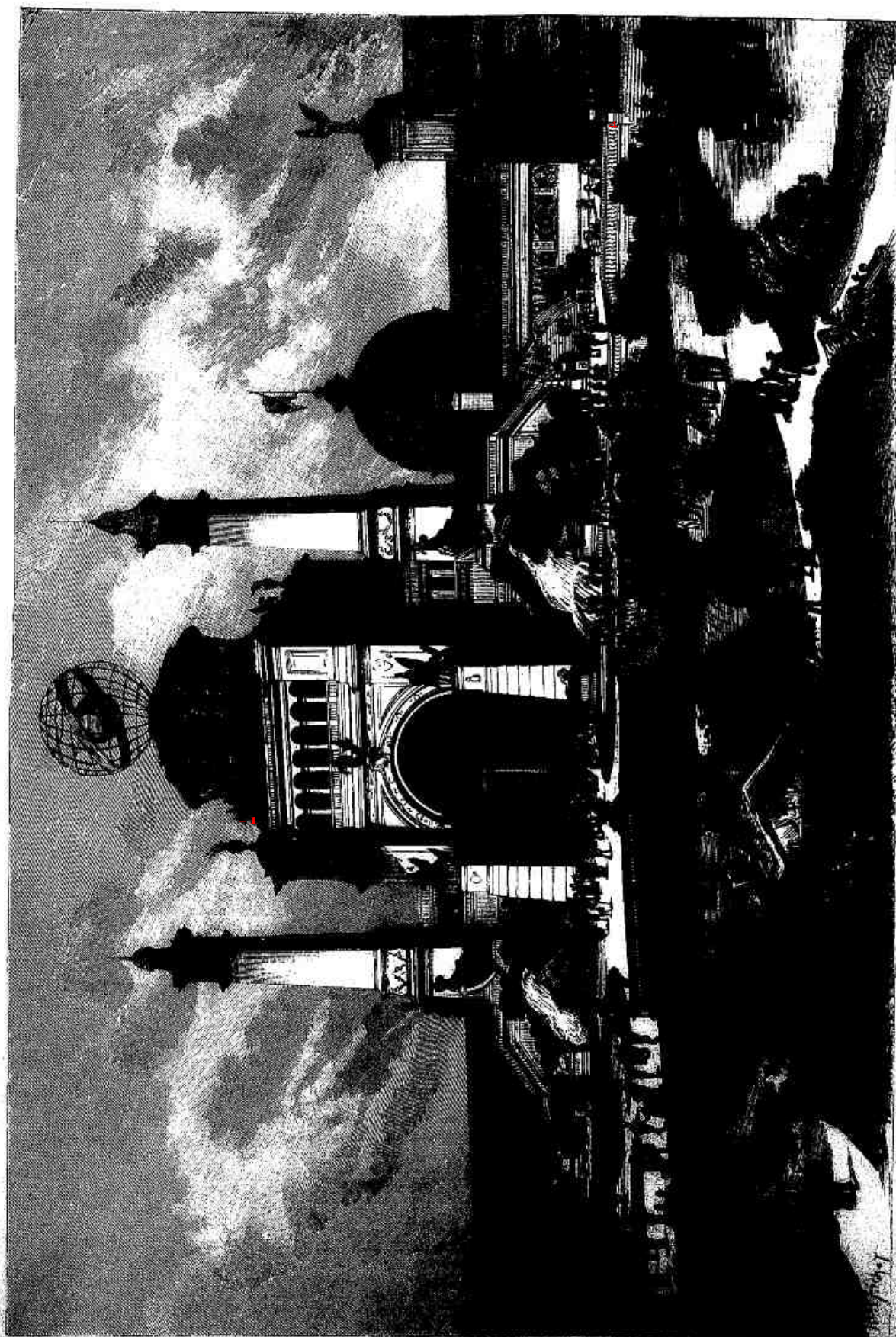
Ha pouco mais de anno e meio alguns negociantes de Anvers, orgulhosos do desenvolvimento e da belleza da sua cidade, conceberam o projecto grandioso de convidar a Europa, o mundo inteiro, a vir admirar a sua metropole commercial, que se metamorphoseou em menos de meio seculo, sendo hoje o primeiro porto do continente europeu.

Este projecto devido apenas á iniciativa particular, foi realisado com uma promptidão verdadeiramente maravilhosa, attendendo a que todas as exposições universaes exigem annos e annos de preparativos. Nos fins de junho de 83, depois de vencidas enormissimas difficuldades, todos os trabalhos estavam concluidos, occupando a industria e annexos um espaço de 220.000 metros quadrados.

Todas as nações da Europa se fizeram represen-



PORTUGAL EM ANVERS. — Vistas de diferentes salas da secção portuguesa.



A EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE ANVERS

tar; só Portugal esteve um momento para não apparecer, como já não appareceu na exposição de Amsterdã. Mas Pinheiro Chagas, o illustre ministro da Marinha, tomou a peito uma exposição das colonias e graças a elle Portugal figura brilhantemente em Anvers. Mas na Exposição quem figura em primeiro lugar é a França, que só a sua parte occupa um quinto da superfície total, contando para cima de 2,000 expositores.

Os expositores belgas attingem um numero de 2,400. A galeria das machinas offerece um bello espectáculo; é illuminada a luz electrica. Está construida sobre os alieiros da antiga cidadella do duque de Alba, o torvel representante de Philippe II de Hespanha. A sciencia brilha portanto no mesmo sitio onde se elevava a fúria um dos mais sinistros monumentos d'opressão e de tortura. Por toda a parte a civilização humana prosegue na sua grande obra.

Sómente em dez annos Anvers modificou-se consideravelmente. A cidade estende-se em todas as direcções; e já se observa que é insufficiente a largura de 60 metros dada ao novo caes, que tem uma extensão de 3,500 metros. As velhas construcções da idade media, succedem-se bellos e magníficos palacios, e as fortunas augmentam em proporções collosaes.

Chegando pelo mar, os grandes vapores podem directamente abordar ao novo caes onde vem dar um caminho de ferro, e uma serie de guindastes hydraulicos operam immediatamente as descargas. A difficuldade estava em obter um sufficiente tirante d'agua para permittir aos grandes navios d'aboardar aos caes. Os engenheiros belgas resolveram o problema apertando o leito do rio Escaut. O caes é o testemunho da sua victoria e da sua victoria sobre o rio. O que foi necessario empregar de sciencia, de tonicidade, de arrojado, de coragem, não se descreve. Mas o triumpho foi completo, e Anvers, graças aos seus melhoramentos maritimos e hoje a primeira cidade comercial do norte.

... Como nos sentimos tristes ao rever estas palavras, lembrando-nos do que Lisboa podia ser, as riquezas do commercio, do navigio, de industria que podia chamar a si, de um governo patriota comprehende-se a necessidade do melhoramento ao porto. Lisboa podia ser no sul da Europa como Anvers. Lisboa, com os melhoramentos ao porto, podia ser a cidade mais florescente da península Iberica. Assim o entendia Antonio Augusto d'Algar. E como assim o entendia e assim o queria executar, porque é um patriota e um homem de genio, a politica convide-o a sair do ministerio! Quando deixará Lisboa de ser um cortiço de galopias eleitoraes, para se transformar numa cidade commercial e maritima, diante da qual se abrirá o mais bello e mais risonho futuro?

Olhem para a nossa gravura, e digam-nos se não é triste e desconsolador ver que ainda não ha elementos em Lisboa para tambem construir um palacio assim, para provar ao mundo civilizado que tambem ali se trabalha de coração e d'alma para o bem estar do povo, para a prosperidade e para a gloria do paiz.

Em dois annos seguidos, dois pequenos paizes — a Hollanda e a Belgica — assembraram a Europa com os productos da sua intelligencia e da sua actividade. Cabe agora a vez a Portugal de mostrar a Europa o que é e o que vale.

ESTHER

O PINTOR cujo quadro hoje reproduzimos tratou com uma phantasia um tanto livre o assumpto publico que tem tentado tantos pinceis. Modernizou os seus personagens, a ponto de lhes tirar uma grande parte do caracter legendario e quasi fabuloso que elles possuem nos tempos remotos. Mas nem por isso o quadro de Zier deixa de ter brilhantes qualidades, e uma scena de genero tratada com grande brio, onde as figuras e os attributos são tocados com mão de mestre.

É uma obra que vem tomar lugar distincto na pre-

ciosa collecção de obras exclusivamente artisticas que a ILUSTRAÇÃO tem feito passar diante dos olhos do publico.

PINHEIRO CHAGAS

DANDO hoje aos nossos leitores uma serie de gravuras reproduzindo varias salas da exposição colonial portugueza na Exposição universal de Anvers, seria uma falta imperdoavel não publicar na ILUSTRAÇÃO o retrato de Pinheiro Chagas, que na sua qualidade de ministro da marinha foi quem tomou a seu cargo e sob sua responsabilidade os preparativos da exposição, soccorrendo-a com capitais bastantes para se chegar ao esplendido resultado a que se chegou. O governo portuguez, como não tivesse respondido ao convite da Hollanda para a exposição universal de Amsterdã, não se quiz fazez representar na de Anvers. Mas o illustre ministro da marinha sabendo que a Belgica ia apresentar uma secção especial do Congo, não quiz que Portugal ficasse terrivelmente esquecido, como que mostrando fraqueza ou melho diante das nações civilizadas — e Pinheiro Chagas foi quem soccorreu a Sociedade de Geographia com um subsidio de 28 contos de reis para, que a exposição das colonias portuguezas fosse por diante. Honra lhe seja!

As biographias de Pinheiro Chagas estão tão feitas e tão refelias, são tão conhecidas do publico, que nós francamente não sabemos que havemos de dizer aos nossos leitores do eminente jornalista que oi nosso mestre durante annos, e com o qual mantemos as mais estreitas e as mais solidas relações d'amizade.

Quando o fundador e director do fallecido *Diário da Manhã* era atacado impertinentemente pelos jornaes da opposição, tivemos occasião de escrever algumas linhas, tentando traçar o curioso perfil d'este jornalista portuguez, sem duvida o primeiro jornalista do seu paiz — pois que Ramalho Ortigão é um jornalista de gabinete a maneira de Wolff, de Henry Fouquier, de John Lemoine; enquanto que Chagas é um jornalista da redacção, para dirigir e escrever um jornal inteiro, como Rochefort. Ao que parece, esta nossa affirmacção chocou varios plumitivos que ainda pensam primitivamente que para se ser um bom jornalista, basta saber escrever um artigo de fundo verrinoso, no genero d'aquelles que a miudo se publicam nos jornaes de Lisboa, e que mais valia que nunca tivessem sabido do fundo dos tinteiros. O tal genero artigo de fundo, em cincoenta annos d'imprensa, o que deu em resultado foi esta imprensa sem um caracter definido; informe, acanhada, rachitica; jornaes que morrem todos os dias para deixarem nascer outros ainda piores que os antecedentes, de mau aspecto, de mau papel, de mau formato, tendo uma organisação defeituosa e ainda mais defeituosa redacção. E não se vê em Lisboa nenhum jornal que pertença ao genero do *Tempi*; nenhum que siga a brilhante esteira do *Figaro*, do *XIX^e Siecle* ou do *Journal des Débats*. O *Diário da Noticias* procura seguir as pisadas do *Petit Journal*, mas do *Petit Journal* ainda está muito longe em unidade de redacção. E note-se que em Lisboa ha muito talento, muito talento perdido pelas redacções, o parece uma anomalia que tanto talento não possa produzir um jornal bem feito. De quem é a culpa? De artigo de fundo! Todo o jornalista que se revele habil, o seu fim não é ser jornalista, é ser deputado. D'aqui, esta gymnastica dos artigos politicos feitos de lugares communs, onde raras vezes se escapa um trapo que revele a intelligencia que se vai perder. E se não cultiva o artigo de fundo, então o jornalista é um litterato que só pensa no *fo'hetim*, na chronica, nas phrases d'effeito, dois ditos á Ramalho, uma tirada á Camillo, e um descriptivo á Eça — porque Zola é duro de roer. E para as outras diversissimas secções d'um jornal não ha ninguém — ha a thesoura implacavel a cortar sobre os jornaes de provincial. E não se encontra um chronista das Camaras como Millaud do *Figaro*; um chronista dos tribunaes como Albert Bataille; um redactor para fazer a analyse dos jornaes do dia; um chronista musical; um chronista e

um critico theatral; um critico de pintura; um noticiario, enfim! E dizem os naves jornalistas que em Lisboa se não ganha dinheiro. Ganham dinheiro, e não de ganhar cada vez mais, todos quantos se dedicarem ás mil especialidades do jornalismo, todos quantos estudarem no *Figaro*, no *Tempi*, no *Petit Journal* o que é fazer um jornal — porque em Lisboa o campo está livre. Ainda não appareceu ninguém para tomar a serio a sua profissão.

Ora foi Pinheiro Chagas quem no *Diário da Manhã*, por assim dizer, abriu escola; foi Pinheiro Chagas o unico jornalista que modernamente soube fazer um jornal, que modernamente lançou jornalistas — quando de Teixeira de Vasconcellos, porque aprendeu em Paris, só havia a gloriosa recordação. Folheiem a famosa epocha do *Diário da Manhã*; assistam a todas as suas oscillações, a todos os seus revezes; vejam este jornal torturado por vicios d'administração, erros d'empreza, raticorias politicas — mas sempre da propria desventura tirando coragem e brio, e levantando-se á altura de primeiro jornal moderno de Portugal. E vejam quem estava ao lado de Pinheiro Chagas — Gervasio Lobato, Guilherme d'Azvedo, Urbano de Castro e ultimamente Mariano Pina. Eram os colaboradores politicos, os homens do artigo de fundo, que compromettiam a folha todas as vezes que n'ella escreviam; eram os companheiros certos, os jornalistas por officio e não por acaso, que de novo levantavam o jornal...

Das cinzas do *Diário da Manhã*, sahio o *Correio da Manhã*. A carreira que o novo jornal encetou é já hoje brilhante — exactamente porque do antigo *Diário* guardou os elementos que foram a causa das prosperidades d'outro, e porque os nossos queridos collegas tiveram a coragem de pôr á porta da rua tudo quanto era nocivo, e que as portas da *Havana* tinha ares de cousa muito util.

Uma das cousas que irrita muita gente em Lisboa — referimo-nos sempre á gente da imprensa — é a espontaneidade de Pinheiro Chagas, é a prodigiosa quantidade de papel que elle escurece todos os mezes, é esta febre do trabalho que elle herdou, não sabemos como, de Dumas-pae e de Emile de Girardin. Isto mesmo, que é a sua gloria e que lhe tem garantido a sua independencia como jornalista, tem servido a varios sujeitos para o atacarem, para o censurarem, talvez até para sorrirem d'elle. O atrevimento não conhece fronteiras — nem tão pouco a ignorancia!

Pinheiro Chagas, em producção e em qualidade de producção, pode estar ao lado de Emile de Girardin, de Henry Fouquier, o humorista e o fino philosopho que rubrica com o pseudonymo de Nester artigos semanales no *Gil-Blas* de Paris, e que diariamente collabora em trez jornaes; de Pierre Veron, esta machina de fazer espirito escrevendo todos os dias um artigo politico no *Charivari*, um artigo de theatros no dia immediato ao da primeira representação ou da reprise d'uma peça, uma chronica todas as semanas, enorme, no *Monde Illustré*, uma chronica no *Journal amusant*, uma chronica no *Journal pour rire*, artigos varios de critica litteraria, — e encontrando ainda tempo para escrever todos os annos um volume, quando não são dois, e uma peça de theatro!

O que nós mais admiramos em Pinheiro Chagas é o jornalista brilhante, apanhando com uma prodigiosa facilidade o assumpto, e nalyando-o n'um quarto d'hora em trez columnas de jornal. Os nossos leitores do Brazil teem agora mais uma occasião de o apreciar nos soberbos folhetins que está escrevendo regularmente de Lisboa para o *Paiz* do Rio de Janeiro.

Em Pinheiro Chagas ha tambem a admirar o elegante orador moderno, cheio de subtilidades de estylo e de finas ironias que elle certamente adquirio com a leitura d'auctores francezes, e dispoñdo d'uma opulenta rhetorica peninsular, tão colorida e tão animada como a de Castellar.

Como auctor dramatico, duas peças suas estão sendo constantemente representadas ha vinte annos em theatros de Portugal e do Brazil. Referimo-nos a *Morgandinha de Valfór* e a *Magdalena*. Se os governos de certos paizes, como, por exemplo o gover-



ESTHER. — Quadro de Eduardo Zier. — Gravura de Raulo.

no de Portugal no que respeita à França e o governo do Brazil no que respeita a Portugal, tivessam já hoje compreendido que a propriedade litteraria é uma propriedade — Pinheiro Chagas teria hoje uma fortuna com os direitos d'auctor d'estas duas peças que contem milhares de representações, que tem enriquecido varios emprezarios, tirado de difficuldades varios artistas, sem que o auctor tenha recebido cinco reis! Do auctor dramatico, além do *Drama do Povo* que ainda se não sabe porque cahio, e porque nenhum theatro de Lisboa ainda o não foi tirar da pozira onde jaz — temos a *Roca d'Hercules*, uma comedia que é um primor, que seria uma obra-prima para Lisboa... se trouxesse a assignatura de Octave Feuillet ou de Meilhac e Halevy.

Ainda temos em Pinheiro Chagas o orador politico, o professor de litteratura antiga no Curso Superior de Lettras, o historiador, o romancista... Em todos os generos por onde este extraordinario espirito tem passado, o seu nome tem ficado sempre a rubricar alguma pagina importante. Toda a sua obra é formada de paginas soltas. Não é o artista enterrado no fundo do seu gabi-



PINHEIRO CHAGAS, ministro da marinha

nete a produzir calculadamente, em cinco mezes ou em cinco annos, o livro que ha de destumbrar. É o artista que está ao serviço do publico a dispendir todo o seu espirito, para lhe contar dia a dia, hora a hora, como deve ser encarado o que se passa ou o que se vai passar na vida do seu paiz.

É uma natureza extraordinaria que nos maravilha; um caracter que é digno do nosso respeito; um espirito que é digno da nossa admiração, — um dos raros homens do seu paiz que tem conquistado admiração, applausos, respeito e estima, apenas pela força da sua intelligencia e pela sua coragem diante do trabalho!

Pinheiro Chagas conta 43 annos. Nasceu em Lisboa em 13 de novembro de 1843.

O ARCO DO TRIUMPHO

Desde o mez de julho de 1888 que o Arco de Triunpho situado no alto dos Campos Elyseos, em Paris, este Arco de Triunpho sob cuja cupula repousaram os restos mortaes de Victor Hugo — mudou de aspecto.

Até áquella epocha o arco era formado apenas de



PORTUGAL EM ANVERS. — A fachada da exposição portugueza.

linhas rectas, e nem os proprios altos relevos da coroa da Napoleão I e da Marcella alteravam a gravidade das suas linhas. Mas um escultor houve que achou o monumento bastante monotonico, e como este escultor era um amigo intimo de Gambetta, convenceu-lhe foi feito para apresentar um projecto da coroação do Arco do Triumpho.

O escultor a que alludimos, um eminente artista, chama-se Falguère. O seu projecto, que reproduzimos na pagina n.º 336 do *Illustração*, consta d'um capricioso phal tirado por quatro cavallos e conduzido uma figura allegorica da Republica. Os cavallos caminham ao galope, mas para os deter na carreira evitam os precipícios, são detidos pelas figuras da Lei e da Justiça. Outros grupos allegoricos representam o Dever civico e o Dever militar completando o grupo.

Apezar das muitas avenidas que dão sobre a praça da Estrella onde se ergue o Arco do Triumpho, nem por isso o grupo de Falguère deixou de apresentar brilhantes aspectos de cada lado que se colloque o observador. Por emquanto, sobre o arco, existe apenas a *maquette*. Mas vai ser rotada em breve pelas camaras a somma necessaria para a fundição em bronze, e é de crer que no anno de 1886 a obra esteja definitivamente concluida.

De resto, em Paris, estão-se activando todos os trabalhos que temham por fim o embelezamento da cidade. A explicação é facil. Em 1889 realisa-se em Paris uma grande exposição universal para comemorar o centenario da primeira republica (1879). N'esta epocha deve estar ligado aos grandes boulevards boulevard Haussmann; deve estar feita a nova gare de Saint-Lazare; concluida a rua Etienne Marcel; e concluido o caminho de ferro metropolitano, construido por debaixo das ruas de Paris, e cujo projecto ainda está em discussão, devendo custar cada kilometro 900 contos de reis (fortes).

Quanto ao Arco do Triumpho os nossos leitores o verão em toda a sua magestade na grande gravura do n.º 13 — 2.º anno da *Illustração*, a proposito dos funeraes de Victor Hugo.

ITALIA



SCENA campestre que hoje reproduzimos, tem sido varias vezes tratada pelos pintores que frequentaram Roma. É um tranquillo pedaço da natureza, a linha do horizonte bordada de pinhas frescos e murmurios, um grande lago d'agua crystallina onde os carneiros se refrescam e se lavam, aqui e ali uma ou outra figura de pastor, e ao longe o rebanho que se afasta, todo ruidoso de mansos balidos e de sons melodiosos de campainhas. É a sombra d'aquelles pinhas que se refugiam nos mecos d'agosto e de setembro os infelizes que passam todo o resto do anno nas grandes cidades modernas — tristes penitenciarías do pobre genero humano.



A MULA DO PAPA

Em todas as bonitos maxims, proverbios e maxims adagios com que os nossos campones da Provença costumam semear os seus discursos, não conheço nenhum mais plausivel nem mais singular do que este. Em quatro leguas em torno do meu moinho, quando não d'um homem rancoroso, vingativo,

diz-se: «*Desconfiem d'este homem!... d'como a mula do Papa, que guarda sete annos o seu coice.*»

Procurei muito tempo donde este proverbio podia vir, o que era esta mula papal e este coice guardado durante sete annos. Ninguém por aqui me esclareceu sobre este ponto, nem mesmo Francis Mahi, o meu tocador de piano, que portanto conhece o seu legendario provençal nas pontas dos dedos. Francis pensa como eu, que deve haver lá no fundo alguma antiga chronica do paiz d'Avignon; mas só se lembra de ter ouvido fallar no proverbio...

— «*Onde o sr. encontra isso é na bibliotheca das Cigarras*», disse-me, rindo, o velho tocador de piano.

A ideia pareceu-me boa, e, como a bibliotheca das Cigarras fica ao pé da minha porta, fui passar para ali oito dias.

É uma bibliotheca maravilhosa, admiravelmente montada, aberta aos poetas dia e noite, e servida por bibliothecarios que nos tocam musica constantemente. Passei ali alguns dias deliciosos, e, depois d'uma semana d'investigações — de barriga para o ar — acabei por descobrir o que queria, isto é, a historia da minha mula e d'este famoso coice guardado durante sete annos. O conto é bonito, ainda que um pouco ingenuo, e vou procurar contar-lho tal qual o li homem de manha, n'um manuscrito da cor do tempo, cheirando muito a alfazema...

Quem não viu Avignon no tempo dos Papas, nada viu em sua vida. Em alegria, folgado, animação, brilho de festas, nunca nenhuma outra cidade lhe passou adiante. Era desde pela manhã até á noite procissões, peregrinações, ruas cobertas de flores, cardenas que chegavam pelo Rhône, bandeiras ao vento, galeras engrinaldadas, os soldados do Papa cantando latim pelas praças, as matracas dos frades que pediam esmolla; depois, em todos os andares das casas que se apinhavam em volta do grande palacio papal, como abelhas em volta d'um curtiço, o tic-tac dos teares de rendas, o va-e-vem das machinas bordando o ouro das casacas, os martelinhos dos cinzeladores de galhetas, as cantigas das urdidoras; — e ainda por cima o ruido dos sinos, e sempre os sons dos tamboris que se faziam ouvir, lá ao fundo, do lado da ponte. Porque, pelos meus sitios, quando o povo está contente é necessario que elle dançe, que elle dançe; e como por estos tempos as ruas da cidade eram muito estreitas para a *farandola*, *pi-fanos* e tamboris posavam-se sobre a ponte de Avignon, ao vento fresco do Rhône, e dia e noite levava-se a dançar, levava-se a dançar... Ah! o bom tempo, o tempo feliz! a feliz cidade! Allabardas que não feriam; priscos do estado onde se menta o vinho, para refrescar! Nunca intrigas; guerras tão pouco!... Eis como os Papas sabiam governar o seu povo; e ali está porque o povo tanto sentio o fim dos Papas!...

Havia sobretudo um, um bom velho, que se chamava Bonifacio... Oh! quantas lagrimas não conteram em Avignon quando elle morreu. Era um príncipe tão amavel, tão bonoso; sorria aos tão bem de cima da sua mula, e quando se passava ao pé d'elle, — ainda que fosse um pobre caçador ou um grande personagem da cidade, — deixava sempre a benção tão polidamente! Um verdadeiro Papa d'Yvetot, mas d'um Yvetot da Provença, tendo o quer que

fosse de fino no riso, um raminho de manjerona no barrete, e nada de distrações... A unica distração que se lhe conhecia, a este bom padre, era a sua vinha, — uma pequena vinha que elle mesmo tinha plantado, a trez leguas d'Avignon, nos myrtos de Châteauneuf.

Todos os domingos, depois das orações, o digno homem ia-lhe fazer a cônte, e quando estava lá em cima, sentado no bom sol, a mula ao lado d'elle, os seus cardenas em volta, estendidos aos pés das cépas, mandava então desenvolver um frasco de vinho da sua colheita — este bello vinho cor de rubi que depois se ficou chamando o Chateau-Neuf-Papas, — e saboreava-o a pequenas gotas, olhando para a vinha com um ar enternecido. Depois, o frasco vazio, o dia tendo cahido, entrava alegremente na cidade, seguido de todo o seu capitulo; e, quando passava pela ponte de Avignon, por entre os tambores e as *farandolas*, a mula, aquecida pela musica, começava a pasoncar-se, enquanto que elle lhe marcava o passo de dango com o seu barrete, o que muito descontentava os senhores cardenas, mas obrigava a dizer a todo o povo: «*Ah! o bom príncipe! Ah! o bom papa!*»

Depois da sua vinha de Chateau-Neuf, o que o Papa mais amava n'este mundo, era a sua mula. O santo homem tinha uma paixão, pelo animal. Todas as noites, antes de se deitar, ia ver se a cavallaria estava bem fechada, se nada faltava na mangedoura, e nunca se levantou da mesa sem mandar preparar na sua frente uma grande tijella de vinho á franceza, com muito assucar e aromas, que elle mesmo lhe ia levar, apesar das observações dos cardenas... É necessario tambem que se diga que o animal valia a pena. Era uma bella mula preta mosqueada de castanho, a patá firme, o pélo lúcido, a garupa larga e cheia, — sustentando orgulhosamente a cabeça secca, toda ajazada de roséas de lá, de laços, de guizos de prata, de borlas; e ainda por cima doce como um anjo, olhos meigos, e duas grandes orelhas sempre direitos, que lhe davam um ar imponente... Avignon inteiro respeitava-a, e, quando andava pelas ruas, não havia bons modos que não fossem para ella; por que cada qual sabia que era o mais seguro meio de estar bem com a cônte, e que, com o seu ar innocente, a mula do Papa tinha levado mais d'um á fortuna, a prova-Tistet Vedène e a sua prodigiosa aventura.

Este Tistet Vedène era, no começo, um atrevido galopim, que seu pai Guy Vedène, o escultor de ouro, tinha sido obrigado a expulsar de casa, porque o rapaz não queria trabalhar e debachava os aprendizes. Durante seis mezes viram-o correr todas as ruas de Avignon, mas principalmente do lado da casa papal; porque o patife tinha a muito lu sua ideia sobre a mula do Papa, e os senhores vão ver que era cousa de espanto... Um dia que Sua Santidade passava rosinho pelos arredores com o animal, eis que o meu Tistet se approxima, e lhe diz erguendo as mãos, com ar de espanto:

— «*Oh! meu Deus! Senhor Santo Padre, que bella mula que tem!... Deixe-me olhar um bocadinho para ella... Ah! sr. Papa que linda mula!... O imperador d'Allemonia não tem uma igual.*»

E fazia-lhe festas, e fallava-lhe docemente como se fallasse a uma menina.

— « Ande para aqui, meu amor, meu thesouro, minha perola... »

E o bom Papa, todo commovido, dizia consigo:

— « Que bom rapazinho!... Como é amavel com a minha mula! »

E depois, no dia seguinte, querem saber o que succedeu? Tistet Vedène trocou a velha jaqueta amarella por uma bella alva de rendas, uma opa de sãa cor de violeta, sapatos de fivella, e entrou para o cortejo do Papa, para onde antes d'elle nunca tinham ido senão os filhos de nobres e sobrinhos de cardeaes... Ah! está o que é a intriga!... E não ficou por aqui o amigo Tistet.

Uma vez ao serviço do Papa, o brejeiro continuou com o mesmo jogo que tanto lhe servira. Insolente com todos, não tinha atenções nem deferencias senão para com a mula, e sempre o encontravam pelos patios do palacio com um punhado d'aveia ou um molho de palha, sacudindo-se e olhando para a varanda do Santo Padre, com o ar de quem diz « Heim!... para quem é isto?... » E assim foi fazendo, que por fim o bom do Papa, que já se sentia velho, chegou a confiar-lhe o cuidado de vigiar pela cavallaria e de levar a mula a sua tijella de vinho á franceza; o que não fazia rir os proprios cardeaes...

Nem tão pouco á mula, o caso não a fazia rir... Agora, á hora do seu vinho, via sempre chegar cinco ou seis meninos do côro que logo se deitavam pela palha com as opas e as rendas; depois, passado um momento, um bom cheiro quente de caramelo e d'aromas enchia a cavallaria, e Tistet Vedène apparecia trazendo com precaução a tijella de vinho á franceza. Começava então o martyrio do pobre animal.

Este vinho perfumado que tanto amava, que a aquecia tanto, que lhe dava azas, tinham a crueldade de o trazer para ali, para a sua mangueira, de lho dar a cheirar; depois, quando tinha as ventas bem cheias, era uma vez a tijella! O bello licor de chamma cor de rosa ia-se todo pelas guelras d'estes parifes... E ainda se apenas se limitassem a roubar-lhe o vinho; mas eram como demonios, quando tinham bebido, todos estes meninos do côro!... Um puchava-lhe pelas orelhas, outro pela cauda; Quiquet trepava-lhe para cima do lombo, Beluguet via-se o barrete lhe servia, e nenhum d'estes gaiatos sonhava que, com um coice, ou mesmo um safanão, o bravo animal podia mandal-os todos para a estrella polar, e mesmo para mais longe...

Mas não! Não se é impunemente a mula do Papa, a mula das benções e das indulgencias... Os rapazes podiam fazer o que quizessem, não se zangava; e só quem ella não podia ver era Tistet Vedène... Esse quando o sentia por detrás, até as patas lhe mordiam, e na verdade tinha razão. Este bandido do Tistet fazia-lhe tantas maldades! tinha tão cruéis invenções quando a levava a beber!...

Então um dia não se lembrou de a fazer subir com elle para a torre da igreja, lá para cima, lá muito para cima, mesmo no alto do palacio... E o que lhes digo aqui não é uma historia, duzentos mil provenções o viram. Imaginem o terror d'esta desgraçada mula, depois de ter andado ás cegas n'uma escada em caracol e trepado não sei quantos degraus, ver-se de repente n'um terraço deslumbrante de luz, e a mil pés abaixo

d'ella ver um Avignon phantastico, as barracas do mercado tão grandes como nozes, os soldados do Papa diante da casernas como formigas encarnadas, e lá no fundo, sobre um fio de prata, uma ponte microscopica onde se dançava, onde se dançava... Ah! o pobre animal! que terror! Tamanho gemido saltou, que até tremeram todos os vidros de palacio.

— « O que é que aconteceu? o que é que lhe fizeram? » exclama o bom Papa precipitando-se para a varanda.

Tistet Vedène estava já no patio, fingindo que chorava e puchando pelos cabellos:

— « Ah! sr. Santo-Padre, o que aconteceu!... É a sua mula... Meu Deus! o que vai ser de nós?... É a sua mula que subiu para a torre... »

— « Sósinha?... »

— « Sim, sr. Santo-Padre, sósinha... Queira olhar lá para cima... Não lhe vê as orelhas?... Parecem duas andorinhas!... »

— « Misericordia! — exclamou o pobre Papa erguendo os olhos... Mas endoidecem! Mas vae-se matar!... Desce depressa, desgraçada!... »

Que novidade! o que a mula quer é descer...; mas por onde? Pela escada, é escusado pensar em tal; por ali ainda se sobe; mas para descer ha occasião para quebrar cem vezes as pernas... A pobre mula estava afflicta, e, olhando em torno da plataforma com os grandes olhos cheios de vertigem, ia pensando em Tistet Vedène:

— « Ah! bandido, se eu escapou..., que coice que tu apanhas amanhã de manhã! »

Esta ideia do coice dava-lhe alma ás pernas: se assim não fosse não se teria podido aguentar com tamanho susto... Por fim chegaram a tirar-a lá de cima, mas tudo isto foi um trabalho enorme. Foi preciso descê-la com uma roldana, cordas e padolas. E imaginem que humilhação para a mula d'um Papa, ver-se suspensa d'esta altura, nadando com as patas no vazio, como um besouro no extremo d'um fio! E Avignon inteiro que olhava para ella!...

O desgraçado animal não dormio n'essa noite. Parecia-lhe sempre que andava á volta d'esta maldita plataforma, com os risos da cidade por baixo. Depois, pensava n'este infame Tistet Vedène e no lindo coice que havia de apanhar na manhã do dia seguinte. Ah! meus amigos que coice! Ha-de-se ver a fumaça cinco leguas em redondo...

Ora enquanto lhe preparavam esta bella recepção na cavallaria, sabem o que fazia Tistet Vedène? Descia e Rhône cantando sobre uma galera papal, e lá para a corte de Napoles com o bando dos rapazes nobres que a cidade mandava todos os annos para junto da rainha Joana, aprenderem diplomacia e exercitarem-se nas boas praticas. Tistet não era nobre; mas o Papa queria recompensal-o pelos cuidados que sempre dispensara ao animal, e principalmente pela actividade com que andara no famoso dia da descida da torre...

Foi a mula que ficou desapontada no dia seguinte:

— « Ah! o bandido! receitou alguma... pensou a mula sacudindo os guisos com desespero...; mas deixa estar, meu malvado, que o não perdes! A volta encontrarás o teu coice..., eu t'o guardarei! »

E guardou-lh'o.

Depois da partida de Tistet, a mula do Pap voltou aos seus habitos de vida tranquilla, aos seus gozos d'outrora. Foi-se Quiquet, foi-se Beluguet da cavallaria. Voltaram os bellos dias do vinho á franceza, e com elles o bom humor, as longas sessas, e gingar o seu boçado quando passava sobre a ponte d'Avignon. Comtudo, desde a famosa aventura, notavam-lhe na cidade uma certa frieza. Havia segredinhos pela estrada: os velhos abanavam a cabeça, os novos riam apontando para a torre. O proprio Papa já não tinha confiança na sua companheira, e, quando se deixava adormecer sobre o lombo da mula, aos domingos, ao voltar da vinha, nunca o abandonava esta ideia: « E se eu vou acordar lá em cima, sobre a plataforma! » O animal via isto, e soffria, sem dar palavra; sómente, quando pronunciavam o nome de Tistet Vedène na sua frente, as grandes orelhas tremiam-lhe, e, com um sorriso, amolava as ferraduras sobre o jagédo...

Assim se passaram sete annos; depois, ao cabo d'estes sete annos, Tistet Vedène voltou da corte de Napoles. O seu tempo ainda não tinha acabado; mas como soube que o mostardeiro-mór do Papa tinha morrido subitamente em Avignon, e, como o lugar lhe parecesse bom, chegou a toda pressa para se propôr.

Quando este intrigante do Vedène entrou na sala do palacio, o Santo-Padre custou-lhe a reconhecer-o tanto elle tinha crescido e engrossado. E preciso dizer-se tambem que o bom do Papa, pela sua parte, envelhecera, e que já não via bem sem oculos.

Tistet não se intimidou:

— « Pois quê! sr. Santo-Padre, já me não conhece?... Sou eu, Tistet Vedène!... »

— « Vedène?... »

— « Sim sr.; sabe perfeitamente... aquelle que levava o vinho francez á sua mula. »

— « Ah! sim... sim... agora me lembro... Muito bom rapazinho, o Tistet Vedène... E o que é que elle agora quer de nós?... »

— « Oh! muito pouca cousa, sr. Santo-Padre... Vinha-lhe pedir... A proposito, ainda a tem, a sua mulhinha? E ella vae bem?... Ora muito estimo!... Vinha-lhe pedir o lugar do mostardeiro-mór que acaba de morrer. »

— « Tu, mostardeiro-mór!... És muito novo. Que idade tens? »

— « Vinte annos e dois mezes, illustre pontifice, cinco annos mais velho que a sua mula... Ah! meu Deus! que excellent animal! Se soubesse como eu gostava da sua mula..., como eu a amava... como tive tantas saudades d'ella em Italia!... Não a poderei ver? »

— « Ora essa, meu filho, has de vê-la, exclamou o bom Papa todo commovido... E como tu gostas tanto d'este bello animal, nunca mais has de viver longe d'elle. A partir de hoje ficas sendo mostardeiro-mór... Os meus cardeaes vão gritar, pouco me importa! já estou habituado... Vem ver-nos amanhã, á sahida das vespertas, nós te daremos as insignias do teu grau em presença do nosso capitulo, e depois... leva-te a vara a mula e depois virás comnosco á volta... he! he! Vae, meu rapazinho, vae... »

Se Tistet Vedène estava contente com a grande sala, e com que impetuosamente se pôz a correr no dia seguinte, não se pôz a rir. Mas havia em palacio algum segredo...

mais feliz e mais impaciente do que elle : era a mula. Desde a volta de Vedène até ás vespas, o terrível animal não césou de se encher d'aveia e de atirar coices contra a parede. Também ella se preparava para a cerimonia...

Ora pois, no dia seguinte, quando as vespas foram ditas, Tistet Vedène fez a sua entrada no patio papal. Todo o alto clero estava lá, os cardeaes de suas vermelhas, o advogado do diabo vestido de velludo preto, os abbades do convento com as suas mitras, os thesoureiros de Santo-Agrico, as opas cõr de violeta do cõro, o baixo clero tambem, os soldados do Papa em grande uniforme, as trez confrarias de penitentes, os ermitas do monte Ventour com as physionomias ferozes e o sachristão que segue atraz com a campainha, os frades flagellantes, nũs até á cintura, os sachristas com saias de juizes, todos, todos, todos, até os que dão agua-benta á porta da igreja, e o que accende, e o que apaga : não houve um só que faltasse... Ah! era uma bella ordenação! Sinos, foguetes, sol, musica, e sempre estes furiosos tamborins que dirigiam a dança, lá ao fundo, sobre a ponte d'Avignon...



PORTUGAL EM ANVERS. — Uma sala da secção portugueza.

Quando Vedène appareceu no meio da assembleia, o seu desembaraço e a sua bella presença fizeram correr um murmurio d'admiração. Era um magnifico provençal, mas dos louros, com grandes cabellos encaracolados nas pontas, e uma barba ainda muito moça, que parecia feita dos fios do fino metal cahidos do buril de seu paé, o escultor d'ouro. O boato corria que por esta barba loura tinham passado algumas vezes os dedos da rainha Joanna: e o sr. de Vedène tinha com effeito o ar glorioso e o olhar distraído dos homens que as rainhas amaram... N'esse dia, para honrar a sua nação, tinha substituido os seus fatos napolitanos por uma jaqueta d' provençal bordada a cõr de rosa, e no seu chapéo tremia uma penna d'ibis da Camarga.

Apenas entrou, o mostardeiro-mór cumprimentou com um ar galante, e dirigio-se para o alto patamar, onde o Papa o esperava para lhe entregar as insignias do grau : a colher de buxo amarello e a casaca cõr de açafraõ. A mula estava ao pé da escada, toda ajaezada e prestes a partir para a vinha... Quando lhe passou ao lado, Tistet Vedène teve um bom sorriso, e parou para lhe dar duas ou trez palmas das amigas sobre o lombo, olhando de lado para ver se o Papa o via. A posição era boa... A mula descarregou.



PARIS. PITTORESQUE. — Projecto da decoração do Arco do Triumphe.



ITALIA. — A LAVAGEM DOS CARNEIROS NOS CAMPOS DE ROMA

— « Ora apanha, bandido! Ha sete annos que eu te guardo! »

E descorregou-lhe um coice tão terrivel, tão terrivel, tque cihou a guisa em redondo se vio a fumaça, um turbilhão de fumaça loure onde voltejava uma penna d'ibis; tudo quanto restaba do infeliz Tistei de Vedene!...

Os coices das mulas, em geral, não são tão fulminantes; mas esta era uma mula papai; e depois, pensem n'isto! tinha-o de reserva ha sete annos...

Não quero que haja um mais bello exemplo de odio ecclesiastico!

ALPHONSE DAUDIER.

O SONHO DE JOANNA

(De *Mimi d'Éros Grandpère*, de Victor Hugo)

Ella adormece ali pelo meio do dia,
Pois as crianças tem de sonhos d'alegria
Mais precião que nós: para os que vem do céu
Esta terra é tão feia! — Ella tenta, sem vêr,
Tornar a vêr Ariel, Cherubim, lindas fadas,
Todos os anjos bons, todos os camaradas.
Durante o seu dormir, Deus vem-na acalentar.
Se fosse permitido aos homens penetrar
O sonho da criança, — oh! que deslumbramento!
Paraíso na sombra... um grande movimento
De estrelas, que, ao passar, aconselham: de lá
A dormente gentil que não deve ser má...
Esplendor immortal! apparições fulgurantes!
Quando os raios do sol são já menos ardentes
E inteira a natureza aquiesce em fútila paz;
Quando a mãe tem folha assocegar apraz
E nos ninhos não se houve o mínimo ruído,
E quando ella descai no sono appetecido...
E então respira um pouco a cuidadosa mãe,
Que servir a uma flor chega a cansar também!
Seus pequeninos pés, tão lindos, tão miúdos,
Dormem... Um vago ar, em senilites vaporosas,
De modo que nos lembra a aureola d'uma flor,
Vem-lhe cercar o berge — o seu berge, um graminho,
Uma nave de renda, ao que se nos figura:
Vendo-a deitada ali, imagem da candura,
Jolga-se estar a ver a branda reflexão
Da linda cor de rosa em uma guarnição...
Sente-se, ao contemplá-la, o espirito senou...
É um astro que tem a mais a ser pequeno,
A namorada sombra adora-a em beijos mil,
O vento nem sequer despenha aura subtil...
De repente, Joanna, de palpebras descerra
E entorna em doredo toda a manhã que encerra
Nos seus olhos... Primeiro estuda um braco, assim
Como quem tem presunção de pinto, por fim,
Mouve-se também; depois, mas tão e tão contente,
Que os anjos para o ouvir curvam-se alegremente,
Principia a chitar... — Então, mais que feliz,
Beijando com o olhar a filha que Deus quis
Que fosse tão formosa, e um nome procurando
Suave e harmonioso, a voz no tom mais brando,
Ao seu anjo querido, a sua vida e amor,
Diz, n'um sorriso, a mãe: — « Pois já, acordaste? Hanon! »

Porto.

ANTONIO DA GUNHA.



Os nossos actos são como os nossos filhos; uma vez nascidos, toem a sua vida propria e independente: pode-se mesmo estrangular os filhos, mas os actos é que nunca os podemos supprimir.

JORGE ELIOT.

O Theatro-Francoz é a gloria da França, a Ópera não é senão a sua vaidade.

NAPOLEÃO I.

Moral lisboeta: Dão-se 25 contos de reis para S. Carlos, para a vaidade, para os italianos; e não ha 5 reis de subsidio para o theatro nacional, para a litteratura dramatica, para os artistas nacionaes!

A botânica é a arte de seccar plantas entre duas folhas de papel pardo, e de as injuriar em grego e em latim.

ALPH. KARR.

Se és feliz, não o digas ao mundo: porque o mundo não gosta de ouvir tais confidencias.

BILKINS.

O homem mau merece que seja odiado: mas se elle sabe que o odeiam, então torna-se ainda mais perigoso.

CONFUCIUS.

A nossa epocha tem isto de particular: que é pródigo em honras para com os mortos illustres e em insultos para com os vivos.

VASSIER.

Os soldados, as provisões, a sinceridade, são a força d'um imperio.

Em caso d'absoluta necessidade, renunciam aos soldados;

Renunciam as provisões;

Conservem preciosamente a sinceridade.

Os soldados morrem, as provisões gastam-se, a sinceridade fica.

CONFUCIUS.

Ter a reputação de má lingua serve para dois fins: criar inimigos e ser convidado para jantares.

GERFAUT.

A verdade é a unica coisa que não é susceptivel de progresso.

BILKINS.

Se a peste distribuisse pensões, a peste seria capaz de encontrar bajuladores e servos.

SALT.

AURORA... DE «BRASSERIE»

(D'UM FORMETO INÉDITO)

Ha muito, ha muito já que eu te buscava!
Minha alma, a Visionaria, bem sabia
Que se ella, insaciada, amava, amava,
Era que o seu amor — sim — existia.

Toda a alma, convicção, ella dizia,
— Tem um par, uma gêmea, e procurava
Essa gêmea que em sonho lhe sorria,
E que o berge das creanças lhe embutava...

Por isso o nosso encontro — meu Desejo,
No seu pringido e demorado beijo
Foi o grido d'amor que nos matava,

Se a tua alma também não te dizia,
Que o teu amor ha muito que existia,
E que ha muito, e que ha muito te buscava!

Paris — 1885.

RAUL D'AMOR.



O GONGO NO «HIPPODROME».

Um dos espectáculos que nós recomendamos a todos os nossos leitores de passagem em Paris, é a famosa pantomima intitulada Congo, que actualmente se representa no Hippodromo. É uma espirituosa allusão ás ultimas viagens dos exploradores Brazza e Stanley.

Assiste-se primeiro á chegada do Soko, grande chefe africano ao reino de Makoko para lhe pedir a filha em casamento. O rei recusa. Sua filha Urika foge de palacio e vai ter com Soko. Declara-se a guerra entre as duas potencias. Makoko é batido... — Até aqui a pantomima permitta um espectáculo extravagante, uma luxuosa e brilhante caricatura de typos e danças d'Africa, combates e marchas, n'uma palizagem onde não faltam palmeiras, nem macacos, nem répteis...

Mas no meio d'uma grande festa surgem alguns marinheiros francezes collocando apressadamente os rails d'um caminho de ferro systema Decauville, e pouco depois apparece um verdadeiro caminho de ferro com o explorador francez e o seu sequito. Eis uma das grandes curiosidades da pantomima, este caminho de ferro fazendo irrupção em pleno Hippodromo. Depois apparece Stanley e o seu sequito para explorar o que já está explorado... e a pantomima termina por uma grande apothecose da civilização e da Barbaria.

É já cousa celebre na Europa o modo como o Hippodromo de Paris põe em scena as suas pantomimas. N'esta vê-se o mesmo luxo, a mesma riqueza, o mesmo pittoresco. O Congo constitue uma verdadeira curiosidade para os que viajam.

THEATRE DES NATIONS

Quando chega junho a maioria dos theatres de Paris fecha, e a excepção dos subvencionados, raros são aquelles que offereçam uma noite agradável aos estrangeiros de passagem.

Lembramos aos nossos leitores o theatro des Nations, onde se representam dramas de grande valor, interpretados por uma companhia especial. Actualmente estão em scena: um interessante vaudeville *Les chevaliers du pince-nez* e um drama celebre *La bergère d'Ivry*.

AS MUSICAS DA «ILLUSTRAÇÃO»

NUIT D'ÉTÉ

WEBER

PIANO

pp avec contemplation.

poco marcato il canto.

crescendo.

mf

p

pp

p

pp

pp

Extrait des 2015, Éditeur Durand et Schonenberg, 4 place de la Madeleine.